



# SD2021

VIII SIMPÓSIO DE DESIGN SUSTENTÁVEL  
SUSTAINABLE DESIGN SYMPOSIUM



1, 2 E 3 DE DEZEMBRO DE 2021

DECEMBER, 1st, 2nd and 3rd, 2021

ONLINE | CURITIBA, BRASIL

SDS2021.UFPR.BR

## DESIGN, SUSTENTABILIDADE E ESPIRITUALIDADE: O RENASCIMENTO DE UM VÍNCULO

*DESIGN, SUSTAINABILITY AND SPIRITUALITY: THE RENAISSANCE OF A BINDING*

THOMAS CAVALCANTI, Mestre em Sistemas de Gestão | UFF

### RESUMO

O artigo propõe um breve apanhado histórico sobre a relação entre design e espiritualidade, e como o desenvolvimento do eu interior é capaz de promover o real entendimento do conceito de sustentabilidade, lembrando que somos cocriadores e responsáveis pelo nosso mundo, pelo todo e pela nossa própria felicidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Design; Sustentabilidade; Espiritualidade.

### ABSTRACT

*The article proposes a brief historical overview about the relationship between design and spirituality, and how the development of the inner self is able to promote a real understanding of the concept of sustainability, remembering that we are co-creators and responsible for our world, for the whole and for our own happiness.*

### KEY WORDS

*Design; Sustainability; Spirituality.*

## 1. INTRODUÇÃO

O design, enquanto área de estudo, vem sofrendo mudanças significativas nas últimas décadas. Tais modificações abrangem desde sua criação e conceito até sua aplicação. Com isso, os designers estão buscando o desenvolvimento de processos mais integrados, criando cada vez mais um design colaborativo – codesign – para promover o desenvolvimento de soluções que visem também à sustentabilidade socioambiental (MANZINI, 2008).

O início do design remonta ao século XVIII, na Revolução Industrial, quando a mecanização possibilitou a reprodução em série de artigos úteis e baratos, acessíveis a todos. O conceito de funcionalidade (finalidade social de uso) é criado e, com ele, o desenho industrial, responsável pelo projeto e execução do produto. Porém, só no século XX, o princípio básico do design é formulado pelo arquiteto americano Frank Lloyd Wright. Assim, o design aparece como profissão nos anos 1930, nos Estados Unidos, com designers freelancers acostumados a trabalhar em equipe e conscientes da necessidade de adaptar sua criatividade às necessidades do consumidor (MORAES, 1997).

O período da modernidade viu as sociedades, em sua maioria ocidentais, concentrarem seus esforços na compreensão e controle do ambiente e da natureza de uma forma acelerada. Essa ênfase na investigação científica, no empirismo e no desenvolvimento tecnológico resultou em muitos benefícios, além de ser acompanhada pelo desenvolvimento de uma política de democracia. Um novo sistema econômico surgiu baseado no capitalismo industrial, onde os lucros da produtividade acabam sendo, em sua maior parte, reinvestidos para a expansão e crescimento da produção e aumentos dos próprios lucros.

A promoção deste pensamento racionalista e capitalista deixa de valorizar questões relacionadas com a espiritualidade, criando até mesmo um menosprezo. Mas já no auge da Revolução Industrial, Charles Dickens (2014) publicou “Tempos difíceis”, um romance com fortes críticas ao utilitarismo e ao materialismo crescentes na época. Com essas críticas, ele já demonstrava a importância e a falta da espiritualidade na sociedade. Dickens e diversos autores publicaram seus textos que viriam a ser presságios para os dilemas dos séculos que estavam por vir. A espiritualidade é um componente para o qual várias vozes proeminentes estão chamando a atenção atualmente em resposta às mais diversas preocupações, incluindo sustentabilidade.

Com a secularização, a dimensão espiritual se tornou um aspecto menos importante da tomada de decisão pública, das práticas profissionais, da educação e dos assuntos do cotidiano em geral, ficando restrita ao domínio privado ou simplesmente desaparecendo. No entanto, o aspecto espiritual de nossa humanidade tem o potencial de orientar nossos esforços práticos e cotidianos de maneiras que podem ter impactos sociais importantes, além de ter uma influência moderadora sobre o consumismo, com importantes mudanças no meio ambiente. Os aspectos social e ambiental são elementos básicos da sustentabilidade, fazendo parte do “*Triple Bottom Line*” de responsabilidade econômica, ética e ambiental (GIMENEZ *et al.*, 2012).

A inclusão da espiritualidade e da consciência que ela pode agregar em nossa compreensão de sustentabilidade adiciona uma dimensão crítica no significado pessoal, que pode ter um efeito muito mais substancial e fundamental. Ela instiga questionamentos sobre o propósito e a realização, além de evocar o papel de cada indivíduo perante as situações críticas de nossas sociedades e de nosso planeta.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. A religião, a sociedade e a espiritualidade

Durante as reformas realizadas pelas Igrejas, a ideia de espiritualidade foi rebaixada, sendo associada a um conceito errôneo de “ilusão”. A espiritualidade foi acorrentada à religião, e os rituais antigos e sagrados ligados à natureza e outras demonstrações de espiritualidade foram considerados ilegais. O mundo ocidental dissociou o desenvolvimento interior, o crescimento espiritual, o *insight* e a consciência do ser humano dizendo que essas são características divinas possíveis de atingir somente através da religião (SIQUEIRA, 2008).

As pessoas foram obrigadas a abandonar os conhecimentos de seus ancestrais e um novo sentimento se apossou da relação com a espiritualidade (criada obrigatoriamente associada à religião): o medo. Os modos de vida ocidental, com raízes na ancestralidade e que possuíam uma ligação maior com a natureza e com o desenvolvimento espiritual, foram sendo esquecidos. Antes dessas reformas religiosas esse modo de vida ocidental se assemelhava às tradições contemplativas do oriente.

As filosofias reducionistas do empirismo e do utilitarismo, criadas nos séculos XVIII e XIX, tendiam a confinar a compreensão do conhecimento a dados baseados nos métodos quantitativos. Apesar de esse período ter visto o desenvolvimento de sociedades mais liberais e pluralistas, que inicialmente eram tolerantes, o enfraquecimento da

espiritualidade nos séculos anteriores levou a sociedade a uma indiferença, tanto em relação à espiritualidade como à religião.

A sociedade continuava a crescer, e novas teorias foram descobertas. Com o crescimento da aplicação de métodos científicos, a modernidade tornou-se cada vez mais associada ao conhecimento cognitivo e à pesquisa baseada em evidências que a ciência pode fornecer. Sem o aspecto espiritual, esse desenvolvimento científico-social levou ao surgimento da visão de mundo “moderna”, com sua suposição generalizada de que o universo físico é tudo o que existe (uma visão mais cientificista do que científica).

Essa visão tornou-se tão impregnada no pensamento coletivo que passou a ser considerada “natural”, e outros aspectos de nossa humanidade – intuições, senso de transcendência, vibrações energéticas e o eu espiritual – foram removidos da sociedade. E assim entramos no século XX – um período que produziu muitas inovações tecnológicas, mas também testemunhou o aumento da guerra industrializada, tecnológica e biológica, da destruição ambiental e das enormes desigualdades sociais globais.

Com toda esta destruição, a parte intacta e adormecida da espiritualidade começou a despertar com mais vigor a partir da segunda metade do século XX. Apesar de a modernidade ainda manter muitos dos preconceitos ideológicos, a chamada pós-modernidade trouxe à tona questões de equidade e justiça sociais e anunciou o surgimento da organização do movimento ambientalista.

No final do século XX e nos primeiros anos do século XXI, um número crescente de vozes de uma variedade de disciplinas sugeria que qualquer compreensão séria da sustentabilidade deveria incluir espiritualidade nas considerações essenciais. Chandran Nair (2016), por exemplo, fundador do *Global Institute for Tomorrow*, afirma que, após cerca de 300 anos de crescimento baseado na exploração de recursos e na subvalorização, o capitalismo atingiu um muro. Ele sugere que devemos ir além do mantra simplista de crescimento e considerar noções mais significativas do progresso humano:

Para resolver tanto a “guerra na natureza” quanto a “guerra do ressentimento”, devemos nos afastar de um modelo econômico insustentável que confia no uso excessivo de recursos para alcançar a prosperidade em uma clara falha do mercado. A economia de consumo, ao incentivar as pessoas a comprar mais como veículo para o crescimento, só serve para tornar os recursos mais escassos (tradução nossa, NAIR, 2016).

Estas novas compreensões contemporâneas não diminuem o valor e a contribuição da ciência, mas estão reconhecendo que existem outros aspectos de nossa humanidade que estão além da estrutura empírica do materialismo. Apesar de terem sido diminuídas ao longo de tantos anos, essas compreensões são representadas em todas as grandes tradições filosóficas e religiosas em diversas culturas.

Podemos nos referir a esses aspectos como um senso de significado pessoal, que inclui o caminho espiritual ou de busca de significado e a perspectiva ética e empática que emerge dele – um caminho que determina o valor ético, cognitivo e pragmático de toda ação humana e que transcende convenções e diferenças socioculturais. Conforme Walker (2013):

Este aspecto mais profundo e de busca de significado de nossa humanidade é, dizem, a fonte de paz interior e verdadeira felicidade e, por esta razão, tem sido tradicionalmente considerado como “a única coisa necessária” e a “melhor” parte de nós. As implicações dessas noções de significado pessoal para o design são exploradas aqui, tanto para a criação de caminhos mais sustentáveis para o futuro quanto para nossas considerações e concepções de cultura material (tradução nossa, WALKER, 2013).

Assim como o design e a sustentabilidade, a espiritualidade também vem passando por modificações em seus conceitos a partir da mudança de perspectivas individuais. Com essas transformações, a aplicação da espiritualidade em diversos campos do cotidiano, inclusive no meio empresarial, tornou-se uma prática comum, porém pouco estruturada. Porém, mais importante do que isso, a inclusão da espiritualidade e da ética pessoal adiciona uma dimensão crítica, que pode ter um efeito muito mais substancial e fundamental: aquele que vai ao cerne do propósito e da realização humanos e à criação de empatia pela situação difícil das pessoas e do planeta. Este aspecto mais profundo e de busca de significado de nossa humanidade é visto por muitos como a fonte da paz interior e da verdadeira felicidade.

Alguns autores estão ampliando a noção de sustentabilidade e indo além, destacando a importância da dimensão espiritual. Orr (2002) argumenta que a espiritualidade é um elemento indispensável da transição para a sustentabilidade e que a solução convergente de problemas por meio da aplicação de lógica e de método rigoroso é simplesmente inadequada e incapaz de enfrentar os problemas divergentes colocados pela sustentabilidade.

Mathews (2006) sugere que, para um futuro mais sustentável, o próximo estágio das sociedades humanas será pós-materialista e pós-religioso, mas não pós-espiritual – caracterizado por mais sinergia com a natureza, permitindo mudanças, porém evoluindo para uma relação menos controladora e dominadora do que era na modernidade. Além dos aspectos sociais, ambientais e econômicos, Inayatullah (2005) também propõe que a espiritualidade seja adicionada ao entendimento de sustentabilidade.

Em muitas tradições religiosas, a noção do divino é o cerne da compreensão da espiritualidade. Muitos autores apontam que, para avançar em direção a uma espiritualidade mais íntima com o mundo, torna-se necessário passar de uma espiritualidade centrada no divino para uma espiritualidade mais ampliada, com entendimento de que o divino habita em cada ser assim como no coletivo. Com isso podemos ver mais claramente a relação entre espiritualidade e restauração ecológica, colocando a sustentabilidade e o cuidado ambiental como parte de quem somos e dissociando a espiritualidade da religião.

Se estas [palavras] não parecem suficientemente claras, isso se deve ao fato de a sociedade contemporânea, na qual prolifera o pensamento, dificultar a ampliação da consciência. Nesse contexto, a contemplação já é por si um ato transgressor (TSE, 2010).

## 2.2. Espiritualidade e visões de mundo

A modernidade resultou no desenvolvimento de práticas de design que permitiram que os bens materiais fossem utilizados em uma produção em massa eficiente e tecnologicamente sofisticada. Os avanços na ciência e na indústria foram notórios, porém o que não foi suficientemente reconhecido era que essa expansão na produção de bens materiais era inevitavelmente acompanhada pela degradação dos ambientes naturais que produziam esses recursos e os recebiam de volta como lixo e poluição. A pós-modernidade tentou diminuir o materialismo e o consumo desenfreado, mas existem poucos sinais de atenuação da produção de bens materiais ou de um combate eficaz ao problema de aumento da pobreza e da degradação do meio ambiente. Crescimento e expansão continuam sendo as palavras de ordem de empresas e governos, embora as consequências ambientais sejam agora amplamente reconhecidas.

No entanto, devido à realocação de centros de produção em massa dos países economicamente desenvolvidos para outras regiões, o design começou a desviar sua atenção do design de produto ou industrial, que dominou a maior parte do século XX, para o design relacionado a outras questões, levando em consideração as outras dimensões associadas a ele. Assim, surgem áreas como design de serviços, marketing social e inovação social, e temos ferramentas como design participativo, cocriação, Comunidades Criativas e *design thinking* sendo aplicadas não somente à produção em si, mas também a questões sociais e de gestão.

Infelizmente, essas tentativas de reconstruir e reengajar junto com a comunidade acabam competindo com as tendências das tecnologias de comunicação contemporâneas que demonstram que, ao “navegar na rede”, descobrimos não uma cultura comum, mas bilhões de vazios separados com um falso sentimento e visões distorcidas do que realmente seja uma rede.

De uma perspectiva psicológica, as visões de mundo podem ser relacionadas com a hierarquia das necessidades de Maslow (NOLTEMEYER *et al.*, 2012), que, em sua forma original, tinha cinco grandes estágios: fisiologia, segurança, afeto, estima e autorrealização. A urgência da modernidade em querer compreender e controlar o ambiente natural e as questões utilitárias corresponde principalmente a satisfazer os dois estágios inferiores das necessidades fisiológicas e de segurança. A mudança da pós-modernidade em relação aos direitos humanos e às questões de interesse social corresponde aos dois estágios de nível superior com a necessidade de amor e autoestima. Finalmente, os profundos insights da nossa sociedade atual, relacionados ao desenvolvimento interior e crescimento espiritual, correspondem ao nível mais alto das necessidades humanas: a autorrealização. Em desenvolvimentos posteriores dessa hierarquia, Maslow expandiu os níveis superiores para incluir as necessidades cognitivas e as necessidades estéticas, ligadas ao físico, e as necessidades de autotranscendência, mais claramente ligadas à dimensão espiritual.

### 2.2.1. A compreensão espiritual

O termo “espiritualidade” deriva da tradição cristã, embora seu uso contemporâneo seja universal. Refere-se a uma ampla gama de ideias, experiências e práticas consideradas como intensificadoras da vida e relacionadas ao bem-estar humano e que são holísticas no sentido de que podem afetar todos os aspectos da vida. Também está intimamente associado à imaginação, criatividade, relacionamentos e ideias de uma realidade transcendente, além das evidências e provas baseadas nos sentidos. Da mesma forma, está associado à paz, alegria, justiça e um sentido unificado de corpo, mente e alma (MCGUIRE, 2002).

A espiritualidade é frequentemente associada à religião e à crença em deuses ou deus, mas também pode ser ateuista e inteiramente individual. Todas as grandes tradições espirituais estão preocupadas com a transformação do indivíduo: de uma forma egocêntrica de encontrar o mundo para um entendimento amplo de nosso lugar e de nossa conexão com a realidade como um todo. As várias tradições basicamente se fundamentam na mesma questão: o eu interior e sua compreensão, uma visão mais profunda da realidade para além do mundo externo baseado somente no físico. Todas as grandes tradições reconhecem que o eu interior deve ser desenvolvido por meio de um esforço pessoal, por meio do trabalho individual no qual cada um possui seu caminho próprio.

Entre a vida mundana, que Sócrates considerava não digna de ser vivida, e a busca pelo desenvolvimento do eu interior existem diversos estágios de desenvolvimento individual, desde a “negligência” até a “ação correta”, passando pelo “pensamento correto” e o “ser correto”, que podem levar à verdadeira transformação.

Estes conceitos são descritos de várias maneiras simbólicas em todas as grandes tradições. No Islã, a vida ativa “boa”, a vida de fazer o que é certo, é aquela vivida de acordo com a lei divina, *Sharī'ah*, e a vida contemplativa, o caminho mais esotérico e estreito, é conhecido como *Tarīqah*. O budismo fala do caminho impuro da desatenção e do nobre caminho óctuplo, que inclui retidão em termos de pontos de vista, determinação, palavras, ação, sustento, esforço e atenção plena, levando a um senso de unidade, ou seja, Nirvana. No hinduísmo, existe o caminho da ignorância, o caminho da ação, que envolve garantir que as atividades mundanas estejam em conformidade com noções mais elevadas de significado, o caminho do conhecimento da sabedoria espiritual e o caminho da devoção e conexão através do eu interior que conduz para a iluminação. Além das tradições religiosas escritas, as tradições orais também possuem o mesmo objetivo: com a aceitação e o desenvolvimento do seu eu interior, a capacidade de atingir a vida plena se torna real.

### 2.3. Design, contemplação e processo criativo

A tradição espiritual e a criatividade estão intimamente ligadas. Tem sido amplamente reconhecido que o verdadeiro esforço criativo é uma expressão real do âmago, das emoções internas. Além disso, a ideia, o insight, a compreensão interior espontânea são partes íntimas de ambos os processos, tanto o criativo quanto o desenvolvimento espiritual. Ambos os processos são reconhecidos nas tradições espirituais ocidentais e orientais, religiosas e não religiosas, e referem-se a uma experiência e consciência imediatas, diretas, embora fugazes, da realidade que não é especulativa nem contestável.

Diferentemente das abordagens empíricas sistemáticas, da investigação científica e do desenvolvimento tecnológico, não há metodologia ou técnica para obter esse insight. Em vez disso, ele é o resultado imprevisível e incerto de um processo integrado e imersivo de prática, pensamento focado e contemplação. Na verdade, métodos e técnicas são inúteis, pois tais desenvolvimentos não podem ser atingidos por meio do raciocínio ou pensamento discursivo ou analítico, inclusive o conhecimento pode se tornar um obstáculo (OSHO, 2015).

Por acabar levando a diversas frustrações, ambos os processos acabaram criando conjuntos de ações para alcançar um determinado objetivo, utilizando uma metodologia específica. Apesar de mais seguros e, muitas vezes, levarem a um resultado correto, apesar de mediano, também é uma fuga, uma forma de evitar as questões mais profundas.

Começar um projeto no qual se gasta muito tempo coletando e analisando dados para adquirir provas ou evidências pode levar a um caminho muito agitado, e muitas vezes bastante mecânico. Este tipo de conjunto de ações pode ser um substituto conveniente e confiável para as tarefas do cotidiano, que, muitas vezes, trazem a falsa sensação de que não temos tempo suficiente ou que é “mais confiável” manter estes resultados medianos. Porém, ao se entregar ao processo real de busca e desenvolvimento interior, o abismo da angústia é sobrepujado e o esforço recompensado com uma visão repentina e clara da solução.

Aqui vemos uma relação entre o eu interior e o fundamento do design: a individualidade coletiva. Por mais antagônico que possa parecer, vemos que cada indivíduo busca seu crescimento espiritual de uma forma específica, individual e única, porém, para alimentar e nutrir a sociedade, o coletivo, pois a cada passo dado em seu caminho individual, ele percebe-se como todo. Assim como o design, que é capaz de nutrir as pessoas, de ser empático e, conforme o ambiente onde se encontra, torna-se algo novo, conectado às particularidades daquele lugar. Como cada indivíduo, ele não pode ser produzido em massa.

Entende-se que, conforme os desenvolvimentos (físicos, químicos, tecnológicos etc.) na civilização ocidental levaram a uma visão da dominação humana sobre o mundo natural, um senso de ordem espiritual e do sagrado da natureza foi perdido. Com esta individualidade coletiva trazida pela dimensão espiritual e pelo design, uma visão diferente e mais sagrada da Terra é a redescoberta, uma nova admiração e um renovado senso de cuidado emergem para nutrir e cuidar.

Ao considerar essas questões em relação ao processo imaginativo e criativo do designer, a discussão intelectual, a análise e as noções convencionais de pesquisa tendem a ser menos importantes do que o envolvimento direto no próprio processo, uma imersão conquistada por meio da prática, leitura, pensamento e contemplação. Conseguir remover distrações, preocupações com prazos e com produção, na verdade, é um processo em que, algumas vezes, parece que nada está sendo feito.

Além disso, o designer também encara novos desafios ao ser chamado a fazer julgamentos estéticos, que são baseados no sentido. Com isso, as emoções naturalmente, e inevitavelmente, desempenham um papel: o conector entre o eu interior e as atividades e experiências externas do mundo. Ao projetar, o designer deve estar ciente dessas respostas emocionais no desenvolvimento de seus trabalhos e no seu cotidiano. E isso pode estar relacionado ao entendimento do seu desenvolvimento espiritual, no qual as noções de “ação correta” podem servir como uma fonte-chave para a tomada de decisões apropriadas.

Mais uma vez o designer, em seu caminho de autoconhecimento e desenvolvimento da espiritualidade, escuta o chamado para atuar de forma cada vez mais criativa e inovadora. Diante de um cenário global, em que os impactos ambientais, econômicos e sociais são cada vez mais visíveis, a sociedade só poderá crescer e prosperar quando acrescentar a dimensão espiritual à equação. Encarar de forma consciente estas questões, focando nas soluções, e compreendendo que somos parte do todo, torna-se fundamental.

E para atender as necessidades de mudanças da sociedade, surgem iniciativas locais com o intuito de resolver os problemas do cotidiano, promovendo métodos criativos de interação social, de forma sustentável. Essas iniciativas podem ser consideradas exemplos de Comunidades Criativas, sendo através delas que acontece a mobilização local de indivíduos em torno de atividades produtivas que possibilitam a inovação social, trazendo melhorias em diversos níveis:

A definição de inovação social, conseqüentemente, indica também o reconhecimento dos limites do modelo atual de produção e consumo, considerando não somente termos ambientais, mas também questões econômicas, sociais e institucionais. Apesar do fato de que inovações sociais podem ser não planejadas ou acontecer espontaneamente, se condições favoráveis forem criadas por meio do design, elas podem ser encorajadas, empoderadas, reforçadas, ampliadas e integradas com programas maiores para gerar mudanças sustentáveis (CIPOLLA, 2012).

As Comunidades Criativas se mostram como uma importante iniciativa que engloba esses conceitos. Anna Meroni (2007) cunhou essa expressão e a define como um grupo de pessoas que, de forma colaborativa, inventa, aprimora e gerencia soluções inovadoras para novos modos de vida. As Comunidades Criativas, buscando um estilo de vida sustentável, se mostram iniciativas locais que fazem bom uso dos recursos territoriais promovendo uma nova forma de interação social, com o objetivo de resolver alguns problemas da vida cotidiana contemporânea daquela comunidade.

Mas o que entendemos por “comunidade”? Para o sociólogo alemão Max Weber (1973):

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento (da situação comum), a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles diante da mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo (WEBER, 1973).

E a criatividade é a capacidade funcional de gerar soluções novas através do enfrentamento dos problemas com uma ótica diferente. Nesse sentido, o psicólogo norte-americano Ellis Paul Torrance (1976), considerado um dos maiores investigadores em criatividade, afirma:

A criatividade é o processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento, desarmonia; identificar a dificuldade, buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados (TORRANCE, 1976).

A versão mais recente do Teste de Torrance sobre Pensamento Criativo (GOFF; TORRANCE, 2002) mediu quatro habilidades referenciadas: 1. fluência, capacidade de produzir numerosas ideias relacionadas com a atividade; 2. originalidade, capacidade de produzir ideias que não são geralmente produzidas; 3. elaboração, capacidade de agregar ideias relacionadas com a atividade; 4. flexibilidade, capacidade de interpretar estímulo semelhante de diferentes maneiras.

Unindo esses conceitos, as Comunidades Criativas realizam ações no intuito de modificar os modelos de pensar e fazer, atuando com novas propostas e melhorias (MANZINI, 2008). É através delas que acontecem as mobilizações locais em

torno de atividades produtivas que possibilitam a inovação social, trazendo melhorias nos âmbitos econômico, social, ambiental e cultural. Assim, Comunidades Criativas se configuram como exemplo de inovação social:

O termo inovação social refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades. Tais inovações são guiadas mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado, geralmente emergindo através de processos organizacionais “de baixo para cima” em vez de daqueles “de cima para baixo” (MANZINI, 2008).

Nesse contexto de mudanças e inovações, o design desenvolve um papel de potencializador através do entendimento de suas formas criativas de organização e/ou de produção, possibilitando o aprimoramento de conhecimentos, técnicas e ferramentas. Em muitos casos, a criatividade se expressa no desenvolvimento de atividades que denominam-se “colaborativas”, como acontece com algumas atividades de produção, fundamentadas nas aptidões e recursos de um lugar específico.

As Comunidades Criativas são fortemente enraizadas em uma região e isso faz com que esses grupos possam obter uma utilização e/ou reutilização das fontes locais disponíveis. Os empreendimentos sociais, assim como as Comunidades Criativas, por serem organizações sociais complexas, não podem ser planejados de maneira tradicional (MANZINI, 2008). Exigem um ambiente propício para que floresçam e criem seus próprios produtos e serviços. Nesse sentido, John Thackara (2008) afirma:

Entre os fatores de sucesso dos projetos de design para localidades, os mais importantes são um contexto do mundo real; uma orientação para serviços; um requisito de conectar os participantes em novas combinações e explorar os efeitos da rede de relacionamentos; e, acima de tudo, uma insistência em que o trabalho em equipe inclua pessoal local e garanta, sempre que possível, que o conhecimento especializado desenvolvido seja disponibilizado localmente após o fim do projeto (THACKARA, 2008).

Para que o trabalho do designer seja efetivo e proveitoso nesses empreendimentos sociais é necessária uma abordagem sistêmica, demonstrando formas de organização social que valorizam as iniciativas criativas, demonstrando empatia. Os designers podem ser parte da solução, justamente por serem os atores sociais que, mais do que quaisquer outros, lidam com as interações cotidianas dos seres humanos com seus artefatos. Realmente, os designers constituem somente uma parte dos atores envolvidos nas soluções que buscam inovações relacionais (CIPOLLA, 2008) e, por esse motivo, a participação de atores não designers é fundamental para desenvolver coletivamente uma solução integral, trazendo benefícios e valores reconhecidos por todos.

Consideramos neste caso todos aqueles atores que participam das interações de forma coletiva, buscando colaborar no desenvolvimento do projeto. Sob essa perspectiva, a articulação entre designers e não designers é uma necessidade e uma oportunidade para se beneficiar da experiência e das capacidades de resolução de problemas de formas distintas (MERONI, 2008). Nestes novos cenários, cada indivíduo traz suas próprias experiências, habilidades, seu olhar único, suas crenças:

Essa construção de conhecimento ocorre de dentro para fora, ou seja, das demandas, necessidades, interesses e vocações dos sujeitos partícipes na busca de soluções para os problemas enfrentados no seu cotidiano, pois ninguém melhor do que eles próprios, que convivem com cada uma dessas situações diariamente, para identificar as prioridades, bem como propor alternativas viáveis a partir dos recursos existentes (MENEZES et al, 2017).

Semelhante aos demais conceitos, espiritualidade e experiências espirituais também são difíceis de definir. É importante estar ciente da distinção entre religião e espiritualidade. Conforme McGuire (2002), a religião será aqui considerada um fenômeno social, pois é moldada pelo contexto social e existe em um determinado contexto social. Espiritualidade versa mais sobre a relação subjetiva com algo, alguém, comunidade ou tudo.

Existem muitas definições de espiritualidade, mas, em uma compreensão ampla e abrangente, entende-se como o que dá sentido à vida para cada indivíduo. Sendo assim, pode estar intimamente ligada à religião, ou vinculada a crenças e experiências pessoais, tornando-a única, bem como cada existência humana. A palavra espiritualidade terá significados diferentes para cada indivíduo e para os vários campos acadêmicos, sendo abordada de maneiras muito diversas. Nos estudos religiosos, é frequentemente vista no contexto da religião não organizada (MCGUIRE, 2002) e no campo dos estudos da consciência está intimamente ligada ao desenvolvimento (WILBER, 2007). E há outras definições na psicologia, na educação, na medicina, no design, entre outros. Aqui estamos menos preocupados em definir espiritualidade e mais preocupados em compreender melhor seus aspectos intangíveis, a experiência espiritual e suas inter-relações.

Ken Wilber desenvolveu uma estrutura sobre a consciência humana conhecida como modelo AQAL ou Modelo Integral. Seu modelo inclui ondas e fluxos de desenvolvimento, estados de consciência e o self, envolvendo o cultivo do corpo, mente e espírito, em si próprio, na sociedade e na natureza. A teoria de Wilber (2007) é baseada em como estamos nos desenvolvendo em muitas áreas diferentes simultaneamente e como podemos nos desenvolver mais em algumas do que em outras.

Contudo, é importante distinguir as respostas emocionais coerentes com o todo, com a visão de mundo sustentável, daquelas voltadas ao egoísmo, ganância, vaidade ou prestígio. Essa relação entre a atividade de design, as respostas emocionais e a crítica cuidadosa representam o elo vital entre o eu interior e as ações no mundo. Uma cultura material desenvolvida para estar de acordo com compreensões espirituais/naturais e refletindo a consciência que a prática contemplativa produz começaria a expressar uma sociedade muito diferente da atual.

Isso não sugere uma rejeição de produtos tecnológicos e os benefícios que podem trazer. Pelo contrário, é reconhecer a existência de um desequilíbrio nas prioridades e abordagens cotidianas, devido ao progresso científico e tecnológico, e a necessidade de buscar equilibrar essa equação. Compreender que os níveis de produção, consumismo e desperdício estão comprometendo seriamente os ecossistemas do planeta, e resgatar as ações empáticas para o todo, reconhecendo suas relações com o sagrado. Nesse sentido, esses entendimentos estão profundamente relacionados ao cuidado social e ambiental, ideias trazidas pelo design para a sustentabilidade. Eles criam a conexão entre o desenvolvimento espiritual de uma pessoa, observado em seu interior, e a moralidade e a compaixão para com os outros e para com o próprio mundo, observadas no exterior.

Claramente, grande parte da prática de design contemporâneo contradiz estas ideias, visando nutrir sentimentos de ganância, inveja e status. Na cultura corporativa de hoje, os tipos de produtos produzidos são desinformados e muitas vezes antiéticos, perpetuando valores estabelecidos há muito tempo que apoiam uma forma de viver sem consciência coletiva, focando somente numa “boa vida” baseada em bens materiais. A prioridade da corporação é o lucro e seus funcionários são obrigados a deixar de lado seus próprios valores a fim de maximizá-lo para a organização.

Nos últimos anos, entretanto, alguns movimentos foram feitos para substituir essas visões antiquadas. Corporações certificadas incorporam responsabilidades sociais e ambientais no modelo de negócios e, por meio de suas estruturas legais, são capazes de se proteger contra ações de acionistas que podem desaprovar tais inclusões. Infelizmente, tais movimentos permanecem sendo a exceção e não a regra.

Outro fator importante é que, além das consequências devastadoras de suas prioridades econômicas, a manipulação psicológica das empresas por meio do uso de técnicas de marketing é poderosamente persuasiva e capaz de encobrir

diversos fatos graves com imagens felizes em propagandas. Portanto, por meio de suas várias atividades, e muitas vezes apoiadas por políticas governamentais, as práticas corporativas tendem a minar nossos entendimentos mais duradouros de bondade, “o correto a ser feito” e valores éticos, que advêm com o crescimento espiritual.

Hoje, sabemos muito bem que as consequências ambientais estão se tornando cada vez mais agudas, sem sinais de redução, e a exploração social, tanto pelos métodos de produção empregados quanto pelo desenvolvimento do mercado para sustentar o crescimento, tem sido maciça. É necessário ir além do sistema baseado no crescimento que visa vender tudo para todas as pessoas no planeta, um sistema que descarrega os custos ambientais e sociais dos negócios para o contribuinte, que concentra a riqueza entre as empresas e acionistas e é baseado essencialmente no interesse próprio e na ganância.

Como tal, é um sistema totalmente contrário a todos os grandes ensinamentos espirituais e de sabedoria ao longo dos tempos. O resgate da identidade e da cidadania em prol do desenvolvimento local, seja através da criatividade ou de processos que priorizam a inovação e a sustentabilidade como solução para os problemas locais, aponta o design como fator preponderante para a inovação social. Assim, percebe-se que as contribuições do design envolvem aspectos que visam não só o ser humano social, ambiental e econômico, mas também o ser humano espiritual.

### 3. CONCLUSÃO

O design e a produção de produtos de consumo estão em uma trajetória de inovação e crescimento há décadas. Os impactos foram enormes e embora, sem dúvidas, muitos deles tenham sido positivos, os próprios produtos, os métodos empregados e os efeitos colaterais da produção, uso e descarte são, em uma infinidade de maneiras, severamente prejudiciais.

Os avanços científicos e tecnológicos nos proporcionaram um poder sem precedentes, porém o uso desse poder tende a trabalhar contra o bem comum. Os produtos que atingem um maior número de pessoas, graças à globalização, são projetados, produzidos, distribuídos e comercializados por corporações em escala global, cujas prioridades visam somente o lucro. Essas prioridades vão de encontro justamente à dimensão espiritual e à empatia com o todo e o sagrado.

Corrigir o desequilíbrio em nossa visão de mundo contemporâneo para dar maior reconhecimento aos entendimentos ancestrais que fomentam a sabedoria e o desenvolvimento interior poderia levar a mudanças mais fundamentais e duradouras. São necessárias abordagens que internalizem custos, desenvolvam conhecimentos e habilidades e estimulem a comunidade e significaria desenvolver maneiras de viver e criar riqueza e bem-estar que cultivem a compaixão e a caridade, ao invés do egoísmo.

Adicionar a dimensão espiritual traria o verdadeiro significado de sustentabilidade, recuperando o sagrado e o todo. Incluiria a individualidade coletiva, com ética pessoal e valores obtidos com o desenvolvimento interior, aplicados à responsabilidade social e cuidado ambiental. As questões econômicas seriam incluídas como um fator necessário, mas de ordem inferior, sendo aquele que facilita a troca de bens e serviços por e de acordo com os outros três (espiritual, social e ambiental). Com isso, a dimensão econômica atuando em conjunto com as demais dimensões, em vez de ser considerada o principal, como é o caso nas empresas atuais.

Sendo assim, surge um resultado financeiro quádruplo que enfatiza noções mais profundas do significado humano. Esse esforço quádruplo começaria a nos mover de uma economia do conhecimento para uma economia da sabedoria. Tal direção reconheceria o valor da aquisição de conhecimento, mas colocaria maior ênfase nas prioridades e práticas que alcançam a sabedoria, que valorizam a importância da reflexão, do eu interior e do desenvolvimento espiritual.

O papel do design em suas ferramentas, como o *design thinking*, *codesign* e Comunidades Criativas, neste contexto, é alertar para a necessidade de fazer as coisas juntos; estimular e, às vezes, chegar a um terceiro espaço entre os diversos

campos da ciência, espiritualidade, botânica, saúde da comunidade entre outros. Um esforço para conectar mundos, em que as pessoas cocriam soluções mais eficientes, obtendo um troféu singular, mas muito poderoso: o conhecimento de fazer.

A inclusão da espiritualidade no entendimento da sustentabilidade pode começar a reverter a direção da motivação, levando ao bem comum através de seu crescimento espiritual, reduzindo os impactos ao meio ambiente porque necessariamente começaria a moderar o lugar e a importância de bens materiais em nossos conceitos.

## AGRADECIMENTOS

A todos que geram e cuidam.

## REFERÊNCIAS

- CIPOLLA, C.; BARTHOLHO, R. (orgs.). **Inovação social e sustentabilidade**: desenvolvimento local, empreendedorismo e design. Rio de Janeiro: e-Papers, 2012.
- DICKENS, C. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- FRASCARA, J. The dematerialization of design. 2006. **International Council of Graphic Design** [site]. Disponível em: <http://www.icod.org/connect/features/post/76.php>. Acesso em: 27 jun 2021.
- GIMENEZ, C.; SIERRA, V.; RODON, J. Sustainable operations: Their impact on the triple bottom line. **International Journal of Production Economics**, v. 140, n. 1, p. 149-159, ISSN 0925-5273, 2012. DOI 10.1016/j.ijpe.2012.01.035. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0925527312000503>. Acesso em: 27 jun 2021.
- INAYATULLAH, S. Spirituality as the Fourth Bottom Line?. **Futures**, v. 37, n. 6, p. 573-579, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2004.10.015>. Acesso em: 27 jun 2021.
- MANZINI, E. (org.). **Design para a inovação social e sustentabilidade**: Comunidades Criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: e-Papers, 2008.
- MATHEWS, F. Beyond modernity and tradition: a third way for development. **Ethics and the environment**, v. 11, n. 2, p. 85-113, 2006. Disponível em: <http://freymathews.net/downloads/Beyond-Modernity-and-Tradition.pdf>. Acesso em: 27 jun 2021.
- MCGUIRE, M. B. **Religion**: the social context. Long Grove: Waveland, 2008.
- MERONI, A. **Creative Communities**: people inventing sustainable ways of living. Milan: POLI.design, 2007.
- MORAES, D. **Limites do design**. São Paulo: Stúdio Nobel, 1997.
- NAIR, C. Two World Wars Are Converging: the War on Nature and the War of Resentment. **New Perspectives Quarterly**, v. 33, p. 32-36. 2016. Disponível em: <https://doi-org.ez24.periodicos.capes.gov.br/10.1111/npqu.12021>. Acesso em: 27 jun 2021.
- NOLTEMEYER, A; BUSH, K.; PATTON, J.; BERGEN, D. The relationship among deficiency needs and growth needs: an empirical investigation of Maslow's theory. **Children and Youth Services Review**, v. 34, n. 9, p. 1862-1867, ISSN 0190-7409, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.05.021>. Acesso em: 27 jun 2021.
- ORR, D. W. Four Challenges of Sustainability. **Conservation Biology**, 16: 1457-1460, 2002. Disponível em: <https://doi-org.ez24.periodicos.capes.gov.br/10.1046/j.1523-1739.2002.01668.x>. Acesso em: 27 jun 2021.
- OSHO. **Os Upanishads**: a essência dos seus ensinamentos. São Paulo: Cultrix, 2015.
- SIQUEIRA, D. O Labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional não convencional. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 2, p. 425-462, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QzDW5mv4PsmT4JnSsFtt9g/?lang=pt#>. DOI 10.1590/S0102-69922008000200008. Acesso em: 27 jun 2021.
- STEINMAN, R. M. Spirituality: the fourth dimension of health – an evidence-based definition. **20th IUHPE World Conference on Health Promoting Theory**: missing elements and new approaches. Geneva, 11-15 jul. 2010.
- TORRANCE, E. P. **Criatividade**: medidas, testes e avaliações. São Paulo: IBRASA, 1976.
- TSE, L. **Tao Te Ching**: o livro do caminho e da virtude. Tradução e comentários: Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- WALKER, S. Design and Spirituality: material culture for a wisdom economy. **Design Issues**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 89-107, 2013. DOI 10.1162/DESI\_a\_00223. Disponível em: <http://search-ebscohost-com.ez24.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=88840985&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 jun 2021.
- WILBER, K. **Psicologia integral**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: EDUSP, 1973.